

FICHA TÉCNICA

Título original: *Flawed*

Autora: *Cecelia Ahern*

Copyright © Cecelia Ahern 2016

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria João Freire de Andrade*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Imagem da capa: © Sandra Cunningham/Trevillion Images

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2017

Depósito legal n.º 420 539/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

IMPERFEITO: defeituoso, incorreto, anómalo, danificado, distorcido, corrompido, fraco, deficiente, incompleto, inválido; (pessoa) que tem uma fraqueza de carácter.

1

Sou uma rapariga de definições, de lógica, de preto e branco.
Lembrem-se disso.

2

Nunca confiem num homem que, na casa de outro, se sinta à cabeceira da mesa sem ser convidado.

As palavras não são minhas, são de Cornelius, o meu avô, que por as ter proferido foi relegado para o lugar mais afastado desta mesa e, num futuro próximo, não voltará a ser bem-vindo. O problema não foi necessariamente o que disse, mas a quem se referia: ao juiz Crevan, um dos homens mais poderosos do país, que está outra vez — apesar do comentário que o meu avô fez no ano passado — sentado à cabeceira da nossa mesa de jantar, na nossa reunião anual do Dia da Terra.

O meu pai volta da cozinha com uma garrafa de vinho tinto cheia e encontra o seu lugar habitual ocupado. Vejo que fica um pouco confuso com aquilo, mas como se trata do juiz Crevan limita-se a parar, e brinca um pouco com o saca-rolhas que tem na mão enquanto pensa no que fazer. Depois contorna a mesa para se sentar ao lado da minha mãe na outra extremidade, onde o juiz Crevan se deveria ter sentado. Apercebo-me de que a minha mãe está nervosa, porque está mais perfeita do que nunca. Não tem um cabelo fora do lugar na sua cabeça perfeitamente penteada, os seus caracóis loiros estão elaboradamente torcidos naquele carrapito que apenas ela consegue fazer, tendo de deslocar os ombros para conseguir chegar à nuca. A sua pele é porcelana, como se brilhasse, como se fosse a forma mais pura de alguma coisa. A maquilhagem é imaculada, o vestido de renda azul-violeta é uma combinação perfeita com os seus olhos azuis, os braços perfeitamente tonificados.

Na verdade, diariamente, e para a maior parte das pessoas, a minha mãe parece tão bela como uma modelo muito requisitada. Apesar de ter tido três filhos, o seu corpo é tão perfeito como sempre foi, embora eu, como grande parte das pessoas, desconfie — sei-o — de que tem ajuda para o manter dessa forma. A única maneira de se saber que a minha mãe está a ter um dia ou uma semana maus é quando ela chega a casa com as faces mais gorduchas, os lábios mais cheios, a testa mais lisa ou os olhos menos cansados. A alteração da sua aparência é o que a denuncia, fica muito picuinhas. Julga as pessoas pela sua aparência, resume-as com um varrer de olhos. Sente-se pouco à vontade quando alguma coisa é menos do que perfeita; um dente torto, um duplo queixo, um nariz demasiado grande — tudo a faz questionar as pessoas, desconfiar delas. Não é a única. A generalidade das pessoas sente exatamente o mesmo. Ela compara-o a alguém que tenta vender um carro sem o lavar primeiro; o carro deve estar resplandecente. Passa-se o mesmo com as pessoas. Preguiça em manter o seu exterior representa quem são no interior. Também sou perfeccionista, mas isso não se estende à aparência física, apenas à linguagem e ao comportamento, o que irrita solenemente a minha irmã, Juniper, que é a pessoa mais indefinida que conheço. Embora tenha de reconhecer que ela é especificamente indefinida.

Observo o comportamento nervoso da minha família com uma certa arrogância, porque neste momento não sinto nem um pouco a sua tensão. Na verdade, sinto-me divertida. Para mim, o juiz Crevan é o Bosco, pai do meu namorado, Art. Todos os dias vou a sua casa, passo férias com ele, estou presente em funções privadas da família e conheço-o melhor do que os meus pais o conhecem — na verdade, conheço-o melhor do que a maior parte das pessoas. Já vi o Bosco de manhãzinha, com o cabelo despenteado e pasta dentífrica colada aos lábios. Vi-o a meio da noite, a deambular sonolento de *boxers* e meias — ele dorme sempre de meias —, a ir à casa de banho ou à cozinha buscar um copo de água. Já o vi bêbedo e inconsciente no sofá, a boca aberta, a mão enfiada na parte da frente das calças. Já entornei pipocas em cima da sua camisa e lhe enfiei os dedos em água morna enquanto ele dormia, para o fazer urinar. Já o vi a dançar ebriamente na pista de dança e a cantar mal no *karaoke*.

Ouvi-o vomitar após uma noite de pândega. Ouvi-o rressonar. Já senti o cheiro dos seus peidos e o ouvi chorar. Não posso recear alguém cujo lado humano vejo e conheço.

Contudo, a minha família e o resto do país veem-no como um indivíduo aterrorizador, que se deve temer e reverenciar. Comparo-o a um daqueles juizes de programas de talentos televisivos, uma personagem de desenhos animados, demasiado exagerada, que fica entusiasmada por ser apupada. Divirto-me a imitá-lo, para grande prazer do Art. Ele desata à gargalhada, enquanto marcho para cima e para baixo, a fingir que sou o Bosco em modo de juiz, girando a minha capa feita em casa à volta do pescoço; fazendo caretas, franzindo a testa e apontando o dedo. Sempre que as câmaras estão ligadas, o Bosco adora um bom apontar de dedo. Estou convencida de que a *persona* de juiz assustador, embora importante para o seu trabalho, não passa de um ato; não é o seu estado natural. Também é capaz de dar uns tremendos saltos mortais para dentro da piscina.

O Bosco, conhecido por todos (exceto por mim e pelo Art) como juiz Crevan, é o chefe dos juizes de um tribunal chamado Guilda. A Guilda, originalmente constituída para ser um comité temporário de investigação pública a infrações à lei, é agora uma instituição permanente que supervisiona o interrogatório de indivíduos acusados de serem imperfeitos. Os imperfeitos são cidadãos normais que cometeram erros morais ou éticos.

Nunca fui ao tribunal, mas está aberto ao público e pode-se assistir ao que lá se passa pela televisão. É um processo justo, porque, a acrescentar às testemunhas do acontecimento em questão, amigos e família são chamados a testemunhar quanto ao caráter do acusado. No Dia do Nome, os juizes decidem se o acusado é imperfeito. Se o for, as suas falhas são publicamente referidas e a sua pele é marcada a ferro quente com um *I*, num de cinco lugares. A localização da marca depende do seu erro de discernimento.

Se for devido a más decisões, é na têmpera.

Por mentir, na língua.

Por roubar à sociedade, na palma da mão direita.

Por deslealdade à Guilda, no peito, por cima do coração.

Por se comportar de um modo socialmente inaceitável, na sola do pé direito.

Também têm de usar sempre uma braçadeira com a letra vermelha *I*, de modo a poderem ser constantemente identificados pelo público e considerados como um exemplo. Não são presos; não fizeram nada de ilegal, mas *cometeram* atos que são vistos como prejudiciais à sociedade. Ainda vivem entre nós, apenas ostracizados, e sob regras diferentes.

Depois de o nosso país ter caído numa enorme instabilidade económica, devido às más decisões dos nossos líderes, o principal objetivo na origem da Guilda foi remover pessoas imperfeitas de posições de liderança. Agora ostraciza pessoas antes de poderem começar a exercer esses cargos, e, desse modo, não causarão danos. Num futuro próximo, gaba-se a Guilda, teremos uma sociedade moral e eticamente perfeita. O juiz Bosco Crevan é visto por muitos como um herói.

O Art herdou a boa aparência do pai (cabelo loiro, olhos azuis), e com os seus caracóis loiros despenteados — que não conseguem ser controlados — e grandes olhos azuis — que cintilam como os de um diabrete maroto — parece estar sempre preparado para fazer uma traquinice, porque normalmente está mesmo pronto para isso. Está sentado à minha frente à mesa de jantar e tenho de evitar estar sempre a olhar para ele, enquanto interiormente estou aos saltos por saber que é meu. Por sorte, não partilha a intensidade do pai. Sabe como se divertir e descontraír, lançando sempre um comentário engraçado quando a conversa se torna demasiado séria. Tem um bom sentido de oportunidade. Até o Bosco se ri. Para mim, o Art é como uma luz, iluminando os recantos mais escuros.

Todos os anos, neste dia de abril, celebramos o Dia da Terra com os nossos vizinhos, os Crevan e os Tinder. As celebrações do Dia da Terra são algo que eu e a Juniper sempre adorámos desde miúdas, contando os dias no calendário, planeando o que íamos vestir, decorando a casa e pondo a mesa. Este ano estou mais entusiasmada do que nunca, porque é o primeiro ano em que o Art e eu estamos oficialmente juntos. Não que eu esteja a planear apalpá-lo debaixo da mesa, ou qualquer coisa do género, mas ter aqui o meu namorado torna as coisas mais excitantes.

O meu pai é diretor de uma cadeia televisiva noticiosa, a News 24, e o outro convidado e nosso vizinho é o Bob Tinder, editor do jornal *The Daily News*, ambos propriedade da Crevan Media,

por isso os três misturam os negócios com prazer. Os Tinder estão sempre atrasados. Não sei como é que o Bob consegue cumprir os *deadlines* do jornal, já que nunca consegue chegar a tempo ao jantar. Todos os anos acontece o mesmo. Já tivemos uma hora de bebidas na sala de estar, e esperei que mudarmo-nos para a sala de jantar fosse magicamente apressá-los. Estamos agora aqui sentados, com três cadeiras vazias — a sua filha, Colleen, que é da minha turma, é a terceira convidada.

— Devíamos começar — diz o Bosco de repente, erguendo os olhos do seu telefone, acabando com a conversa casual e sentando-se mais formalmente.

— Não há pressas quanto ao jantar — diz a minha mãe, pegando no copo de vinho acabado de encher que o meu pai lhe estendeu. — Permitti que houvesse um pequeno atraso. — Sorri.

— Devíamos começar — repete o Bosco.

— Estás com pressa? — pergunta o Art, olhando intrigado para o Bosco, que parece subitamente enervado. — O problema de se ser pontual é que não está lá ninguém para nos ver — diz o Art, e todos se riem. — Como eu sei por experiência própria, já que espero sempre por esta rapariga.

Dá-me um pequeno pontapé por baixo da mesa.

— Não — discordo. — Ser-se pontual é *agir ou chegar exatamente à hora marcada*. Tu não és pontual; estás sempre ridiculamente adiantado.

— O pássaro matutino é aquele que apanha a minhoca — defende-se o Art.

— Mas o segundo rato é aquele que fica com o queijo — respondo, e o Art deita-me a língua de fora.

Ewan, o meu irmão mais novo, solta uma risadinha. A Juniper revira os olhos.

O Bosco, aparentemente frustrado com a nossa conversa, interrompe-nos e repete:

— Summer, Cutter, devíamos começar agora a refeição.

O modo como o diz leva a que todos paremos imediatamente de nos rir, e viramo-nos para ele. É uma ordem.

— Pai — diz o Art, surpreendido, com uma meia gargalhada desajeitada —, o que és, o fiscal da comida?

O Bosco continua a olhar para a minha mãe. Aquilo tem um efeito estranho em todas as pessoas à mesa, cria uma atmosfera tensa, daquelas que sentimos no ar pouco antes do ribombar de um trovão. Pesada, húmida, causadora de dores de cabeça.

— Não achas que devíamos esperar pelo Bob e pela Angelina? — pergunta o meu pai.

— E pela Colleen — acrescento, e a Juniper volta a revirar os olhos.

Ela odeia que eu refira todos os pormenores, mas não consigo evitá-lo.

— Não, acho que não — limita-se ele a dizer, firmemente, sem acrescentar mais nada.

— OK — diz a minha mãe, levantando-se e dirigindo-se à cozinha, tão calma e plácida como se não tivesse acontecido nada, o que me diz que, interiormente, deve estar enervadíssima.

Olho confusa para o Art, e sei que ele também sente a tensão, porque pressinto uma nova piada a formar-se-lhe na boca, algo que faz sempre que se sente incomodado, assustado ou pouco à vontade. Vejo como o seu lábio começou a curvar-se ao pensar na piada, mas acabo por não escutar o que tem a dizer, porque ouvimos a sirene.

3

A sirene volta a soar, prolongada, baixa, alarmante. Faz-me saltar na cadeira, sobressaltada, e o meu coração começa a bater selvaticamente, cada centímetro do meu corpo sente o perigo. É um som que sempre conheci, um som que nunca quereríamos ouvir vindo na nossa direção. A Guilda chama-lhe «um sinal de alerta», uma sirene contínua entre três e cinco minutos, que sai das carrinhas da Guilda; embora nunca tenha vivido durante uma guerra, percebo como as pessoas se deviam ter sentido na altura, antes de serem atacadas. A meio de qualquer momento normal, pode invadir os nossos pensamentos felizes.

A sirene soa próxima de casa, o seu som sinistro. Durante alguns instantes, ficamos todos gelados; depois, a Juniper, sendo a Juniper, que fala antes de pensar e é desajeitada nas suas ações, é a primeira a levantar-se, bate na mesa e faz os copos abanar. Vinho tinto, como gotas de sangue, entorna-se sobre a toalha branca. Não se dá ao trabalho de pedir desculpa ou de o limpar, e sai a correr da sala. O meu pai corre atrás dela.

A minha mãe parece completamente espantada, petrificada no tempo. Esvaída de toda a cor, olha para o Bosco, e penso que vai desmaiar. Nem sequer tenta evitar que o Ewan saia a correr pela porta.

A sirene torna-se mais forte; está a aproximar-se. O Art levanta-se de um salto, e depois faço o mesmo; sigo-o pelo corredor abaixo, até ao exterior da casa onde estão todos reunidos num grupo, no pátio da frente. Passa-se o mesmo em todos os pátios à nossa volta. Os velhos Miller, no pátio à nossa direita, abraçam-se apertadamente, parecendo

aterrorizados, expectantes, para ver em frente de que casa irá a sirene parar. Do outro lado da rua, o Bob Tinder abre a porta e sai. Vê o meu pai; olham um para o outro. Há ali qualquer coisa, mas não a compreendo bem. A princípio, acho que o meu pai está zangado com o Bob, mas a expressão deste é igual à do meu pai. Não consigo lê-los. Não sei o que se passa. Estamos todos na expectativa. Quem será?

O Art aperta-me a mão com força, esmaga-me em busca de conforto e tenta lançar-me um dos seus sorrisos conquistadores, mas aquele é trémulo e demasiado rápido, e apenas causa o efeito contrário. Agora, as sirenes estão quase em cima de nós, os sons nos nossos ouvidos, nas nossas cabeças. As carrinhas entram na rua. Dois veículos pretos, com um *I* vermelho-vivo dos lados, para que todos saibam quem são. Os denunciadores são o exército da Guilda, enviado para proteger a sociedade dos imperfeitos. Não são a polícia oficial; são responsáveis por levar sob custódia todos os que são moral e eticamente imperfeitos. Os criminosos vão para a prisão; não têm nada que ver com o sistema judicial dos imperfeitos.

As luzes de emergência nos tejadilhos das carrinhas giram; as luzes vermelhas a rodar, tão vivas que quase iluminam o entardecer, enviando a todos um sinal de aviso. Grupos de famílias que celebravam o Dia da Terra agarram-se uns aos outros, esperando que não seja para eles, desejando que um dos seus não lhes seja arrancado. Não a sua família, não a sua casa, não naquela noite. As duas carrinhas param no meio da rua, mesmo em frente da nossa casa, e sinto o meu corpo começar a tremer. As sirenes param.

— Não — murmuro.

— Não podem levar-nos — sussurra-me o Art, e o seu rosto tem uma expressão tão segura, de tanta certeza, que acredito nele.

Claro que não podem levar-nos, temos o juiz Crevan sentado em nossa casa para jantar. Somos praticamente intocáveis. Isso alivia um pouco o meu medo, mas depois a minha ansiedade vira-se para a pobre e desafortunada pessoa que vêm buscar. Sinto-me surpreendida, porque sempre acreditei que os imperfeitos estão errados e que os denunciadores estão do meu lado, a proteger-me. Porém, como agora está a acontecer na minha rua, junto à minha porta da frente, tudo se altera. Faz-me sentir como se fôssemos nós contra eles. Estremeço com aquele pensamento ilógico e perigoso.

As portas da carrinha abrem-se e soam apitos quando quatro denunciadores fardados saltam do interior, usando os seus habituais coletes vermelhos por cima de camisas pretas e botas de combate. Ao moverem-se, sopram nos seus apitos, o que me adormece a mente e me impede de formar um único pensamento. Na minha cabeça há apenas pânico. Talvez seja essa a intenção. Os denunciadores correm, e fico petrificada.

4

No entanto, não correm para nós; correm na direção oposta, para a casa dos Tinder.

— Não, não, não — diz o meu pai, e consigo ouvir um irromper de fúria na sua voz.

— Oh, meu Deus — sussurra a Juniper.

Em choque, olho para o Art, à espera da sua reação, mas ele continua a olhar em frente, atento, o seu maxilar a mover-se rapidamente. Depois reparo que a minha mãe e o Bosco ainda não se juntaram a nós, no exterior da casa.

Solto a mão do Art e apresso-me até à porta.

— Mãe, Bosco, depressa! São os Tinder!

Enquanto a minha mãe corre pelo corredor abaixo, o cabelo solta-se-lhe do carrapito e cai-lhe sobre o rosto. O meu pai vê-a e trocam um olhar que significa alguma coisa para ambos, os seus punhos a abrirem-se e a fecharem-se junto do seu flanco. Aparentemente, o Bosco não vai juntar-se a nós.

— Não compreendo — digo, observando enquanto os denunciadores se aproximam do Bob Tinder. — O que é que se passa?

— Cala-te e olha — diz a Juniper, calando-me.

A Colleen Tinder está agora no pátio da frente com o Bob, o pai, e os seus dois irmãos mais pequenos, o Timothy e o Jacob. O Bob está parado em frente das crianças, bloqueando-as, protegendo-as, erguendo o peito contra os denunciadores. Não a sua família, não a sua casa, não naquela noite.

— Eles não podem levar os bebês — diz a minha mãe, a sua voz soando baixa e distante, de modo que sei que ela está ali, mas em pânico.

— Não vão levá-los — diz o meu pai. — É ele. Deve ser ele.

Mas os agentes passam pelo Bob, ignorando-o, ignorando as crianças aterrorizadas que começaram a chorar, e abanam uma folha de papel em frente do seu rosto, que ele demora algum tempo a ler. Entram na casa. Percebendo repentinamente o que se está a passar, ele atira a folha ao ar e corre atrás deles. Grita à Colleen para tomar conta dos miúdos, o que é uma tarefa difícil, porque agora também eles começaram a entrar em pânico.

— Vou ajudá-la — diz a Juniper, avançando, mas o meu pai agarra-lhe o braço com força. — Au! — grita ela.

— Fica aqui — diz o meu pai, num tom de voz que nunca o ouvi usar.

De repente, ouvem-se gritos no interior da casa. É a Angelina Tinder. As mãos da minha mãe voam até ao rosto. Um deslize na sua máscara.

— Não! Não! — geme a Angelina repetidas vezes, até que, por fim, a vemos na porta, agarrada de ambos os lados por um denunciador.

Está quase pronta para o nosso jantar; usa um vestido preto de cetim, um colar de pérolas à volta do pescoço. Tem rolos no cabelo e sandálias de pedrarias. É arrastada para fora de casa. As crianças começam a gritar ao verem a mãe a ser levada. Correm até junto dela e tentam chegar-lhe, mas os denunciadores afastam-nas.

— Não toquem nos meus filhos! — berra o Bob, atirando-se a eles, mas os homens empurram-no para o chão, dois denunciadores enormes mantendo-o preso, enquanto a Angelina grita selvaticamente de desespero para não ser afastada dos seus bebês.

Nunca ouvi um ser humano gritar daquela maneira, nunca ouvi um som daqueles. Ela tropeça e os denunciadores apanham-na, e ela segue entre eles, a coxear, o salto da sandália partido.

— Raios, deixem-na manter alguma *dignidade* — grita-lhes o Bob, do chão.

É levada para dentro da carrinha. As portas fecham-se. O som dos apitos para.

Nunca ouvi um homem chorar como o Bob. Os denunciadores, que o mantêm preso no chão, falam-lhe em vozes baixas, calmas. Ele para de berrar, mas continua a chorar. Por fim, soltam-no e desaparecem no interior da segunda carrinha, que se afasta.

O meu coração bate rapidamente e mal consigo respirar. Não consigo acreditar no que estou a ver.

Espero pelo transbordar de amor por parte dos meus vizinhos. Somos uma comunidade unida, coesa; apoiamo-nos uns aos outros. Olho em volta e espero. As pessoas observam o Bob a sentar-se na relva, a apertar os filhos contra o peito e a chorar. Ninguém se mexe. Quero perguntar-lhes porque é que ninguém faz algo, mas parece estúpido, porque também não faço nada. Não consigo. Embora ser-se imperfeito não seja crime, se se auxiliar ou prestar assistência a um pode-se ser preso. O Bob não é imperfeito, a sua mulher é que é a acusada, mas, apesar disso, têm todos medo de se envolver. Os nossos vizinhos, o Sr. e a Sr.^a Miller, viram-se e voltam a entrar em casa, e a maior parte dos outros faz o mesmo. A minha boca abre-se, chocada.

— Maldito! — grita o Bob, do outro lado da rua.

A princípio, é um grito baixo, e penso que grita para si mesmo. Depois, quando grita mais alto, acho que é para as carrinhas que desapareceram, mas quando se torna ainda mais alto e a sua fúria aumenta, vejo que se dirige contra nós. O que fizemos nós?

— Fiquem aqui — diz-nos o meu pai e, em seguida, lança um olhar prolongado à minha mãe. — Voltem a entrar todos. Mantenham-se calmos, sim?

A minha mãe assente e o seu rosto é sereno, como se não tivesse acontecido nada; a máscara está de novo posta, as madeixas de cabelo soltas de novo no seu lugar, embora não me lembre de a ter visto a arranjá-las.

Quando me viro para olhar para a nossa casa, vejo o Bosco parado à janela, de braços cruzados, a observar a cena a desenrolar-se. Percebo que é na sua direção que o Bob grita. Bosco, o chefe da Guilda, é o líder da organização que levou Angelina.

Ele pode ajudar; sei que pode. É o chefe do Tribunal dos Imperfeitos. Poderá ajudar. Vai correr tudo bem. A normalidade regressará. O mundo voltará a ficar como antes. As coisas farão sentido. Sabendo isto, a minha respiração começa a voltar ao normal.

Quando o meu pai se aproxima do Bob, os gritos morrem, mas o soluçar continua, um som de partir o coração.

Quando vemos uma coisa, essa coisa terá sido para sempre vista. Quando ouvimos um som, nunca mais vamos deixar de o ouvir. Intimamente, sei que esta noite aprendi algo que nunca mais poderá ser desaprendido. A parte do meu mundo que foi alterada nunca mais será igual.